

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

JULIANA SOARES FERREIRA

**O PROFESSOR NATIVO E O NÃO NATIVO NO ENSINO DE
INGLÊS**

SÃO PAULO

2018

JULIANA SOARES FERREIRA

**O PROFESSOR NATIVO E O NÃO NATIVO NO ENSINO DE
INGLÊS**

Monografia apresentada à COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, como exigência dos requisitos para a obtenção do título de Especialista de “Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública, sob orientação da **Prof^a. Dr^a. Andrea Patricia Nogueira**

SÃO PAULO

2018

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por meio de processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____ São Paulo, ____ de _____ de 2018.

JULIANA SOARES FERREIRA

**O PROFESSOR NATIVO E O NÃO NATIVO NO ENSINO DE
INGLÊS**

SÃO PAULO

2018

Dedico este trabalho aos meus pais
que sempre me incentivaram a buscar
o que de mais belo a vida poderia me
oferecer.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **José** e **Maria**, pelo amor e pelo apoio que sempre me deram para que eu pudesse realizar meus sonhos.

Em especial à **Prof.^a Dra. Andrea Patrícia Nogueira**, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A todos os professores que fizeram esta jornada prazerosa e humana, em especial à professora **Alzira Shimoura** com seus ensinamentos e histórias pra vida.

Aos amigos, que aqui fiz e que gostaria de acompanhar nessa caminhada, **Adriana, Juliana e Priscilla**.

Mestre não é quem sempre ensina,
mas quem de repente aprende.

Guimarães Rosa

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 - Fundamentação teórica	13
Capítulo 2 - Metodologia da pesquisa	
2.1. Abordagem metodológica	17
2.2. Contexto da pesquisa	18
2.3. Instrumentos e procedimentos de coleta	18
2.4. Procedimentos de análise	19
Capítulo 3 - Apresentação e discussão dos resultados	20
Considerações finais	25
Referências bibliográficas	26
Anexo	27

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar características do professor nativo e do professor não nativo de Língua Inglesa no Brasil. Autores como Leffa (2001), Nunes (2006), Seidlhofer (1999), Graddol (2006), Jenkins (2000) e McArthur (1999) serviram como suporte e base teórica para refletir e analisar os dados coletados. Os participantes do estudo foram dois professores, sendo um nativo e um não nativo, que atuam ou já atuaram em escolas públicas brasileiras como professores de inglês. A abordagem metodológica utilizada foi o estudo de caso e embasada em teóricos como Njie & Asimiran (2014), Hartley (2004) e Stake (1994). Os resultados do estudo sugerem que tanto o nativo quanto o não nativo têm opiniões bastante parecidas em relação ao ensino-aprendizagem da língua inglesa. Além disso, tanto o nativo quanto o não nativo ressaltaram a importância de uma boa formação profissional e da constante atualização.

Eu, Juliana Soares Ferreira, declaro, para os devidos fins, que este trabalho é de minha autoria e que não contém plágio, sob nenhum aspecto. As referências utilizadas foram devidamente citadas e os créditos de autoria foram mencionados, de acordo com as normas de publicação vigentes.

Declaro, ainda, que estou ciente de que, se alguma alegação de plágio for feita e comprovada, deverei responder por ela nos termos da lei.

São Paulo, ____ de _____ de _____.

Assinatura da aluna

INTRODUÇÃO

Embora eu fosse professora de inglês há um bom tempo, um crescente desejo de atualização e aprofundamento nos estudos relacionados ao ensino-aprendizagem de língua inglesa me acometia nos últimos anos. Para suprir um pouco essa vontade procurei cursos de extensão que tivessem foco no ensino-aprendizagem de inglês para crianças e adolescentes, em um destes cursos tive as primeiras informações sobre a especialização nomeada Práticas Reflexivas e Ensino-Aprendizagem de Inglês na Escola Pública que acontece na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com parceria com a Associação Cultura Inglesa – São Paulo, passei pelo processo de seleção e cursei os módulos necessários para finalizar a especialização.

Este curso me proporcionou um olhar mais aprofundado e uma criticidade maior em relação ao meu trabalho como professora de inglês, que venho desempenhando há aproximadamente dez anos, principalmente como professora de inglês na escola pública. A partir disso passei a refletir mais sobre o papel do professor e como o professor nativo e o não nativo eram sempre comparados mesmo em cenários atípicos como a escola pública.

Partindo dessa reflexão, este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso e tem como objetivo investigar as características do professor de inglês nativo e do não nativo. A fim de alcançar tal objetivo, este estudo busca responder a seguinte pergunta de pesquisa:

- Quais são as características de um professor nativo e de um não nativo de inglês?

Para tal, debrucei-me sobre alguns textos de teóricos que levantam esses questionamentos e também fiz uso de dois questionários, um aplicado com o professor de inglês nativo e outro questionário aplicado com um professor não nativo.

Assim como é o caso deste estudo, outras pesquisas com ênfase no professor de inglês vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos. Jordão (2010),

por exemplo, investigou a posição do professor de inglês no Brasil, Siqueira (2005), por sua vez, analisou o papel do professor de inglês brasileiro nos dias atuais já Barcelos (2007) investigou as crenças relacionadas ao ensino de línguas estrangeiras.

Assim como pode ser notado nas descrições destes estudos, há vários trabalhos que lidam com questões específicas relacionadas ao professor de inglês no contexto brasileiro. Tais estudos, entretanto, não focam no professor de inglês nativo e o não nativo como proponho neste trabalho.

A pesquisa é composta por três capítulos, sendo o primeiro a fundamentação teórica. Nesta parte, serão discutidos os questionamentos levantados ao longo deste estudo, embasados a partir do ponto de vista de teóricos que conversem com os objetivos desta pesquisa. O segundo capítulo é dedicado à abordagem metodológica. A metodologia de pesquisa escolhida é a de estudo de caso, ou seja, buscamos fazer uma pesquisa detalhada e direcionar nosso olhar para tal, assim nos valeremos de teóricos como Njie & Asimiran (2014), Hartley (2004) e Stake (1994). No último capítulo serão apresentados e discutidos os resultados do estudo, levando em consideração o embasamento feito anteriormente. Por fim, abordo as limitações e as contribuições deste trabalho e faço sugestões para pesquisas futuras. As referências bibliográficas e o anexo o encerram.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Transformar é uma das características que reafirma a capacidade de evolução do ser humano. Pode se dizer também que a fala seja um dos maiores instrumentos evolutivos e transformadores que nós, humanos, temos.

Leffa (2001, p.1) define a evolução do ser humano da seguinte maneira:

Dessas características exclusivas – e essenciais – do ser humano, duas precisam ser destacadas quando se fala em formação de professores de línguas estrangeiras. Uma é a capacidade da fala; o homem não é apenas um animal político; é um animal político que fala. A outra característica importante é a capacidade de evoluir. O ser humano não permanece o mesmo de uma geração para outra; ele se transforma, transforma o mundo e transforma a percepção que temos do mundo. Leffa (2001, p.1)

Tratando a fala ou a comunicação como uma das molas propulsoras desta pesquisa, discorreremos um pouco sobre a transformação que pode ser feita através do ensino-aprendizagem de uma língua, mais especificamente discutiremos sobre ser professor de idiomas, neste caso, professor de língua inglesa no Brasil.

Para isso, investigaremos as características de dois tipos de professores de língua inglesa comumente encontrados no país, o professor nativo e o não nativo.

Antes de levantar qualquer discussão, é preciso afirmar que para se tornar professor de uma língua estrangeira é necessário, como afirma Leffa (2001, p.1) um longo e pesado investimento e que sem esse investimento não se obtém um profissional dentro do perfil que se deseja: reflexivo, crítico e comprometido com a educação.

Então, entendemos que antes de avaliar as características do professor nativo e do professor não nativo temos que estudar mais detalhadamente quais são as qualidades de um bom professor de língua estrangeira, uma dessas características é o fato de que não basta ter nascido em um país estrangeiro ou

ser um bom falante da língua estrangeira ensinada para se tornar um professor. É preciso muito mais como afirma Leffa (2001, p.1):

A formação de um professor de línguas estrangeiras envolve o domínio de diferentes áreas do conhecimento, incluindo o domínio da língua que ensina, e o domínio da ação pedagógica necessária para fazer a aprendizagem da língua acontecer na sala de aula. Leffa (2001, p.1):

Portanto, essa é uma das características básicas para qualquer professor de idiomas, seja ele nativo ou não.

É certo que muitos ainda acreditam que um professor de inglês nativo possa ser mais eficaz e mais importante ao ensino-aprendizagem da língua do que um não nativo, claro que esse mito vem sendo desconstruído por muitos teóricos. Na verdade, não só desconstruído, mas também está sendo mostrado que, na realidade, um professor não nativo pode possuir vantagens sobre um nativo e não o contrário.

Corroborando esse pensamento, Nunes (2006, p. 8) afirma que há um movimento bastante favorável aos professores não nativos, principalmente no caso dos professores brasileiros, pois estes já carregam certo bilinguismo, ou seja, possuem tanto a língua alvo dos estudantes quanto a língua materna.

Existem muitos fatores podem ser descritos como influenciadores para esse fato, mas para Nunes (2006, p. 1) o número de falantes de inglês como segunda língua ultrapassou o número de falantes de inglês como língua nativa. Então, podemos reiterar que a língua inglesa não é mais propriedade apenas dos falantes nativos, é uma língua que expandiu suas barreiras e que vai muito além das fronteiras.

Sobre a expansão da língua inglesa, Nunes (2006, p. 3) afirma que:

Sob o ponto de vista social ou sociocultural, a língua inglesa passa a ser de domínio público e não mais de seus falantes nativos, sejam eles britânicos, americanos, canadenses, sul-africanos etc. De quem é o inglês? De ninguém e de todos. Nunes (2006, p. 3)

Leffa (2001, p.11) apresenta argumento semelhante ao de Nunes (2006) e pontua o preço que a língua inglesa teve de pagar por se tornar uma língua sem fronteiras:

O inglês tornou-se uma língua internacional, mas teve que pagar um preço por isso: perdeu sua identidade, perdeu sua nacionalidade. Atualmente existe até a variedade, já reconhecida, de inglês brasileiro – que qualquer professor pode, e até talvez deva, ensinar. Leffa (2001, p.11)

Direcionando o olhar para os professores não nativos, existem casos em que, mesmo com todo investimento e tempo dedicados aos estudos, muitos profissionais ainda ficam inseguros ou são postos à prova quando os comparam com um professor nativo, mas para Seidlhofer (1999, p. 238 apud Nunes 2006, p.8):

“o professor não nativo tem a vantagem de já ter passado pelo processo de aprendizado da mesma língua de seus alunos, e ele sabe o que é ter se apropriado da língua estrangeira para algum propósito particular. E essa experiência linguística compartilhada deveria ser a base da autoconfiança do professor e não de sua insegurança.”

Creio ser importante salientar que o professor de inglês não nativo muitas vezes é o que mais investe na carreira e na sua profissionalização, e creditar aos professores nativos uma qualidade superior apenas por terem nascido em um país cuja língua é a que eles ensinam é desmerecer todo o plano de estudos feito por um professor de língua estrangeira não nativo.

Talvez o que se faça necessário para colocar professores nativos e não nativos em um mesmo parâmetro de comparação seja a preparação para se tornar professor, o tempo e a dedicação em relação às formações pedagógicas.

Todo esse processo de preparação e maturação é defendido por Leffa (2001, p.4) que afirma que:

A formação de um verdadeiro profissional – reflexivo, crítico, confiável e capaz de demonstrar competência e segurança no que faz – é um trabalho de muitos anos, que apenas inicia quando o aluno sai da universidade. A verdadeira formação, que incorpora não apenas aquilo que já sabemos, mas que abre espaço para abrigar também aquilo que ainda não sabemos. Leffa (2001, p.4)

Portanto, é possível reconhecer que o processo de formação de um bom professor de língua inglesa independe de sua origem ou apenas de seu conhecimento da língua, mas sim de uma junção de fatores como os citados ao longo desta fundamentação teórica.

No capítulo a seguir descreveremos a metodologia de pesquisa deste estudo.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, descreveremos a metodologia de pesquisa deste estudo. Inicialmente, descrevo sua abordagem metodológica, caracterizada como estudo de caso. Em seguida, descrevo o contexto de pesquisa, os instrumentos e procedimentos de coleta e os procedimentos de análise dos dados.

2.1. Abordagem Metodológica

A metodologia escolhida para analisar os dados foi a de estudo de caso, pois segundo Njie & Asimiran (2014, p.36):

o estudo de caso tem o foco em descobrir as características de uma realidade e seus atributos chave perceptíveis, incluindo foco em uma única unidade, na profunda descrição de um fenômeno ancorado em cenários da vida real usando múltiplos dados e métodos de coletas. Njie & Asimiran (2014, p.36)

Acreditamos que essa metodologia seja a mais indicada para esta pesquisa, pois ela, como afirma Hartley (2004) determina que a pesquisa de estudo de caso consista em uma investigação detalhada, frequentemente com dados coletados por um período de tempo, de um fenômeno dentro do seu contexto, com o objetivo de prover uma análise de contexto e processo na qual ilumina os assuntos teóricos a serem estudados.

Mais profundamente, Stake (1994) argumenta que um estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado. Corroborando esse ponto de vista, Njie & Asimiran (2014, p.39) afirmam que um estudo de caso é uma abordagem interessante para considerar quando um pesquisador está motivado a despendar tempo e esforço em uma situação, área, programa, um grupo ou pessoa com o objetivo de responder o como e o porquê das charadas.

Portanto acreditamos que o estudo de caso seja a metodologia mais adequada para nos debruçarmos no assunto e entender melhor quais são as características do professor nativo e o não nativo no ensino de inglês no Brasil.

Na seção a seguir, descreveremos o contexto da pesquisa.

2.2. Contexto de pesquisa

Esta pesquisa contou com a participação de dois professores de inglês, sendo eles: um australiano residente no Brasil e um brasileiro. Inicialmente, descreverei o professor nativo.

O professor australiano, que chamaremos de nativo, tem 44 anos de idade e trabalha como professor de inglês em algumas escolas de idiomas em cidades da grande São Paulo, já trabalhou em escolas públicas no Brasil, mas atualmente está atuando apenas em escolas de idiomas. É formado em Pedagogia e fez cursos de formação internacional em diferentes países, é também especialista em tradução formado em Cambridge, no Reino Unido. No Brasil, ele ministra aulas há mais de 12 anos. Entrei em contato com o professor nativo através de um amigo que possui uma escola de idiomas e que nos colocou em contato. Expliquei para o professor nativo o objetivo da pesquisa e ele aceitou participar. Nossas conversas aconteceram por mensagens de texto de celular e e-mails.

O professor brasileiro, que chamaremos nesta pesquisa de não nativo, tem 29 anos de idade, leciona em uma escola de alto padrão na cidade de São Paulo, também ministra aulas particulares em ambientes corporativos e nunca trabalhou em escolas públicas. É bacharel em Tradução e Interpretação e é professor inglês há dez anos. Conheci o professor não nativo em um ambiente escolar de trabalho, lecionamos juntos no mesmo local por muitos anos, o convidei para participar da pesquisa e ele aceitou de pronto. Nossas conversas aconteceram pessoalmente e por e-mail.

A seguir, serão apresentados os instrumentos e os procedimentos de coleta dos dados deste estudo.

2.3. Instrumentos e procedimentos de coleta

Os dados desta pesquisa foram coletados por meio de dois questionários (vide anexo), sendo eles um para o professor nativo e outro para o professor não nativo. Os dois questionários continham seis questões abertas e foram enviados aos participantes por e-mail no dia 30 de maio de 2017. O participante nativo devolveu por e-mail o questionário respondido no mesmo dia. O participante não nativo o reenviou também por e-mail no dia 5 de junho de 2017.

O objetivo destes dois questionários era conhecer e investigar o ponto de vista e as características do professor nativo e do professor não nativo em relação ao ensino de inglês no Brasil.

A seguir serão apresentados os procedimentos de análise da pesquisa.

2.4. Procedimentos de análise

Como descrito na seção anterior, os dados da pesquisa foram coletados por meio de dois questionários, um para o professor nativo e outro para o professor não nativo. Após o recebimento dos dados, criei uma tabela no programa de computador Excel na qual o objetivo era agrupar respostas e/ou pontos de vista semelhantes ou parecidos. Em seguida, analisei as respostas agrupadas para depois organizá-las em um texto e embasá-las com a fundamentação teórica apresentada no capítulo um.

A seguir, apresento e discuto os resultados deste estudo.

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo será dedicado a examinar e debater os dados coletados para o estudo e contrapô-los com as reflexões feitas a partir das leituras dos textos teóricos citados ao longo desta pesquisa.

Começamos essa discussão com a afirmação do professor de inglês nativo. Quando questionado sobre lecionar sua própria língua, ele alegou que se sente sim mais capaz de lecioná-la. O professor também deixa claro nessa questão que apesar de ser nativo, isso não o torna habilitado para ser professor, mesmo que para ele seja mais fácil ensinar as línguas nas quais ele conviveu naturalmente.

NATIVO: Sim, para mim resulta mais fácil ensinar aquelas línguas com as que tive uma vivência natural, mas de todas formas precisa de um treinamento pedagógico. Porque nativo não nasce professor!

Ao mesmo tempo, o professor não nativo deixa claro que, o que torna um professor capaz é sua didática, o uso da pedagogia para ser um bom profissional e seu compromisso com a profissão.

NÃO NATIVO: Não necessariamente, o que o torna apto a ensinar é a sua didática e seu compromisso com o ofício.

Percebemos que tanto o professor nativo quanto o não nativo concordam que o que torna um falante capaz de lecionar não é seu país de nascimento e sim sua dedicação e tempo destinado a estudar e se atualizar profissionalmente. Esses dois pontos de vista corroboram a afirmação feita por Leffa (2001, p.1) que afirma que a formação de um professor de línguas estrangeiras envolve muitas áreas do conhecimento, incluído a língua a ser ensinada em conjunto com ações pedagógicas. Leffa (2001, p. 1) afirma também que a formação de um bom professor requer um longo e pesado investimento indo ao encontro das opiniões dos dois participantes do estudo.

Em outro momento, o professor nativo exemplifica os pontos fortes de ser nativo e dá como exemplo sua vivência natural e cultural, a pronúncia de sons não existentes no idioma de quem está estudando a língua estrangeira e a confiança de ensinar sua própria língua, como é possível ver no excerto abaixo:

NATIVO: Tem uma confiança natural com a língua que está ministrando, tem uma vivência cultural no país de origem, uma facilidade maior na pronúncia de sons.

Em sua resposta, o professor não nativo também aponta os pontos positivos de um professor nativo e como, por exemplo, ele pode ter mais segurança em alguns aspectos em relação à língua.

NÃO NATIVO: Um professor nativo de inglês pode apresentar maior segurança e coloquialidade ao falar e possuir um maior número de expressões idiomáticas e vivência cultural que um professor não nativo.

Fica claro que para ambos entrevistados, a vivência no país da língua cuja qual está sendo ensinada traz mais segurança ao professor e que a maior facilidade na pronúncia de alguns sons também sejam diferenciais, mas como que apenas isso não é o suficiente para ser um professor competente.

Levando em consideração a questão linguística discutida acima, podemos levantar um ponto importante que é: até que ponto se faz necessário que um professor não nativo, nesta pesquisa em especial - um brasileiro, deva falar inglês como um nativo? Para responder esse questionamento, nos valeremos da fala de Leffa (2001, p.14):

Não há razão para supor que os brasileiros devam falar inglês como falantes nativos que, são uma maioria entre os falantes da língua. Uma das condições para que o inglês seja uma língua multinacional é aceitar a diversidade da própria língua.

Continuando ainda com as perguntas para questão da desenvoltura linguística, o professor não nativo explica o que ele entende por fluência e naturalidade em relação a uma língua. Ele exemplifica como um falante de

nível básico pode ser fluente sem dominar profundamente a língua, e também como um nativo pode ser mais natural, pois tem conhecimentos e propriedades para usar a língua coloquialmente.

NÃO NATIVO: Acredito que fluência seja um conceito muito amplo, pois um falante de nível básico pode ser fluente mesmo com o baixo domínio do idioma que ele possui. Um professor nativo talvez tenha uma gama maior de naturalidade e propriedade para manipular a linguagem coloquial.

Voltando para o âmbito pedagógico, o professor não nativo afirma que é muito importante que um professor se mantenha atualizado tanto pedagógica quanto linguisticamente. Ele também mostra que para um professor não nativo entender o processo de aprendizagem de um aluno pode ser mais fácil, pois ele já passou por isso anteriormente.

NÃO NATIVO: Por não ser nativo, acredito que o professor não nativo de inglês deva se respaldar em sua competência e na sua contínua formação pedagógica e linguística. Também creio que tal profissional seja capaz de melhor compreender as dificuldades de seus alunos tanto no âmbito linguístico, quanto no campo emocional, pois já esteve na mesma situação que o aluno e consegue se sensibilizar melhor com as dificuldades no processo de aprendizagem.

O professor nativo também reafirma a importância do conhecimento pedagógico para um professor não nativo e também deixa claro que os professores não nativos possuem mais facilidade para reconhecer os problemas de um aprendiz não nativo.

NATIVO: Um conhecimento pedagógico apurado, conhecimento da cultura do aluno, facilidade para reconhecer os problemas de um não nativo.

Fortalecendo a opinião do professor nativo, Nunes (2006, p. 8) afirma que os professores não nativos podem possuir certo diferencial carregando o bilinguismo, ou seja, possuem tanto a língua alvo dos estudantes quanto a língua materna.

Quando questionado sobre a vantagem que um professor de inglês não nativo pode ter sobre o nativo, o último respondeu que:

NATIVO: Ser nativo ou não nativo muda muito pouco na hora de ministrar aulas, porque se o professor não tem a suficiente formação pedagógica e experiência em sala de aula, pouco importa se ele é nativo ou não. A vantagem do nativo pode ser a cultura e vivência que o professor pode brindar para o aluno, mas o professor não nativo pode estar mais acostumado a cultura do país, e fazer mais fácil o aprendizado.

Segundo o professor nativo, o mais importante não é ser nativo e sim ter formação pedagógica suficiente para lecionar. Ele explicita também que o nativo pode ter sim um pouco mais de vivência cultural que o professor não nativo, mas que o último, por estar mais acostumando com a cultura do aprendiz, pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Essa opinião muito se aproxima do que Seidlhofer (1999, p. 238) afirma sobre a vantagem de o professor não nativo ter passado pelo processo de aprendizado da mesma língua que seus alunos e se apropriar dela para um propósito particular.

Já quando questionado sobre os problemas já enfrentados em sala de aula, o participante nativo afirma que o maior problema que já teve foi em relação à falta de interesse dos alunos e não por ser nativo. Em outros lugares que lecionou isso nunca foi problema.

NATIVO: O único problema aconteceu quando ministrei aulas para alunos de ensino básico em algumas escolas do Brasil, pela falta de interesse dos alunos. Enquanto a escolas e universidades, nunca tive nenhum tipo de problema com meu sistema de ensino.

O professor não nativo atribui a sua segurança em lecionar aos anos de experiência e à sua constante busca por atualizações profissionais. Ele também levanta um questionamento importante em relação aos preconceitos que professores não nativos sofrem quando comparados a profissionais nativos, que nem sempre são tão preparados assim.

NÃO NATIVO: Sim. Acredito que sou seguro como professor de inglês, mas tal segurança só foi adquirida através de vários anos em sala de aula. Também atribuo essa tranquilidade ao fato de eu sempre me manter atualizado. Porém, é notório o preconceito que existe para com os professores não nativos, pois às vezes, mais vale um “profissional” nativo completamente despreparado do que um professor não nativo altamente especializado. Infelizmente, fomos condicionados a valorizar a cultura e a capacidade alheias em detrimento a nossa.

Pensando em uma língua sem fronteiras como o inglês, pode-se afirmar que é difícil dizer que nativos são melhores professores que não nativos, e nativos de qual país? Respondemos essa pergunta parafraseando Leffa (2001, p.11) afirmando que o inglês já foi internalizado pelas pessoas e que, com isso, perdeu sua identidade, isto é, não existem mais apenas as modalidades de inglês americano ou britânico, mas sim o inglês brasileiro.

Finalizando este ponto, o professor nativo deixa claro também que sua segurança em sala de aula se deve à preparação e a experiência que ele tem e não, simplesmente, por ter nascido em outro país.

NATIVO: Sim, me sinto muito seguro numa sala de aula, mas isso não tem a ver com ser nativo ou não, senão pelo fato de ter uma preparação e experiência que me dá a tranquilidade de saber ministrar uma aula e conseguir ajudar os alunos a melhorar sua capacidade de aprendizado.

Os resultados deste estudo evidenciam que os participantes do estudo consideram necessário mais do que ser apenas falante de inglês para lecionar a língua. Para eles, é necessário a junção de conhecimento linguístico e conhecimento pedagógico, bem como atualização constante e dedicação à carreira.

Após apresentar e discutir os resultados deste estudo, apresento a seguir suas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme descrito anteriormente, este estudo teve o objetivo de investigar as características do professor nativo e do não nativo de inglês no Brasil. A fim de alcançar tal objetivo, esta pesquisa buscou responder a seguinte pergunta de pesquisa:

- Quais são as características de um professor nativo e de um não nativo de inglês?

Respondendo a pergunta de pesquisa, entendemos que um processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira com qualidade, neste caso especificamente a língua inglesa, depende muito mais de fatores que envolvam a formação profissional do professor do que somente sua origem ou habilidade linguística.

Notamos com teóricos como Leffa (2001) e Nunes (2006) a importância de investir na formação pedagógica e linguística e que uma carreira se consolida conjuntamente com a prática em sala de aula, e claro, concluímos que essas razões fortalecem a necessidade de constante atualização por parte dos professores, pois pensando que a língua é viva, seu jeito de ensinar deve ser sim repensado com frequência.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído um pouco com a pesquisa sobre ensino-aprendizagem de inglês levando em consideração os possíveis perfis de professores. A intenção aqui foi investigar as características do nativo e do não nativo, derrubar mitos e fortalecer a importância de um ensino de qualidade.

Sugerimos, portanto, que estudos que envolvam professores nativos e não nativos possam ser explorados em futuras pesquisas a fim de aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem de inglês, tais como percepções de alunos sobre o professor nativo e o não nativo de inglês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRADDOL, David. Why global English may mean the end of 'English as a Foreign Language'. British Council, 2006.

JORDAO, Clarissa Menezes. **A posição de professor de inglês no Brasil: hibridismo, identidade e agência.** Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewFile/25634/14173>> Acesso em 08 de janeiro de 2018

LEFFA, V. J. **Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras.** In: LEFFA, Vilson J. (Org.). O professor de línguas estrangeiras; construindo a profissão. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

NIJE, Baboucarr & ASIMIRAN, Soaib. **Case Study as a Choice in Qualitative Methodology.** Disponível em: <http://www.iosrjournals.org/iosr-jrme/papers/Vol-4%20Issue-3/Version-1/E04313540.pdf>> Acesso em 10 de dezembro de 2017

NUNES, Zaina Aparecida Abdalla. **Afinal, que história é essa de Inglês Internacional.** In: Caderno Seminal Digital, Ano 12, Nº6, V 6 p. 95-108 (jul/dez 2006) – ISSN 1806-9142.

SIQUEIRA, Sávio. **O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês.** Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/04/pdf/ssiqueira.pdf>> Acesso em 08 de janeiro de 2018

STAKE, R.E. **Case Studies.** In: DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y.S. (eds.) Strategies of Qualitative Inquiry. Thousand Oaks: Sage Publications, 1988. p. 86-108.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5a ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ANEXO

1. Questionário – Professor de inglês nativo:

Questionário

Nome:

Idade:

Experiência como professor de inglês:

Formação:

Professor de Inglês Nativo

- Você como professor de inglês nativo encontra alguma dificuldade no ensino-aprendizagem com alunos de algum nível? Por quê?
- Na sua opinião, um professor de inglês não nativo pode ter mais facilidades no ensino-aprendizagem do que você? Por quê?
- Na sua opinião, o professor você é mais capaz de ensinar a sua própria língua? Por quê?
- Na sua opinião, quais são as características de um professor nativo de inglês?
- Na sua opinião, quais são as características de um professor não-nativo de inglês?

- Como nativo, você se considera seguro(a) como professor(a) de inglês?

Por quê?

2. Questionário – Professor de inglês não nativo:

Questionário

Nome:

Idade:

Experiência como professor de inglês:

Formação:

Professor de Inglês Não Nativo

- Você já estudou fora do país? Se sim, você acredita que essa experiência foi agregadora pra sua carreira profissional?
- Você já estudou com algum professor nativo?
- Na sua opinião, o professor nativo tem mais fluência no uso da própria língua? Por quê?
- Na sua opinião, o professor nativo é mais capaz de ensinar a sua própria língua? Por quê?
- Na sua opinião, quais são as características de um professor nativo de inglês?

- Na sua opinião, quais são as características de um professor não-nativo de inglês?

- Como não nativo, você se considera seguro(a) como professor(a) de inglês? Por quê?